

## Designações para o filhote da vaca: como se dá a propagação de variantes sul-rio-grandenses e paulistas a partir dos dados do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros

Designations for the calf: how the propagation of sul-rio-grandenses and paulistas variants occurs based on data from the Linguistic Atlas of the Tropeiros Route

Amanda Chofard<sup>1</sup>

**Resumo:** A não homogeneidade dos falares no Sul está atrelada a diversos fatores, dentre eles ao contato entre gaúchos e paulistas nos fluxos migratórios durante o Tropeirismo. Com o interesse de investigar a hodierna realidade linguística da rota dos tropeiros, Chofard (2023) constituiu um banco de dados do português falado no percurso que vai de Cruz Alta-RS a Sorocaba-SP, a fim de subsidiar a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros, a partir do qual este trabalho se desenvolve. Isso posto, o presente artigo configura-se como um recorte da tese de Chofard (2023), volta o olhar para a questão 55 do Questionário Semântico Lexical e busca as denominações para o filhote da vaca, objetivando: (i) proceder ao levantamento das variantes registradas para o item em questão ao longo da rota dos tropeiros; (ii) mapear a distribuição das variantes; (iii) identificar designações que podem pertencer a uma ou outra variedade linguística, sul-rio-grandense ou paulista; e (iii) averiguar como se dá a propagação dessas variantes no território analisado. Dentre as variantes registradas duas se destacaram, *bezerro*, enquanto variante [+SP], e *terneiro*, [+RS], as quais mostraram se propagar em sentidos opostos, sendo a variante paulista a que mais se difunde na área investigada.

**Palavras-chave:** Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros. Propagação de variantes. Região Sul. Filhote da vaca. Geolinguística.

**Abstract:** The non-homogeneity of speech in the South is linked to various factors, including the contact between gaúchos and paulistas during migratory flows in the Tropeirismo era. With the aim of investigating the current linguistic reality of the tropeiros route, Chofard (2023) established a database of portuguese spoken along the route from Cruz Alta-RS to Sorocaba-SP, to support the development of the Linguistic Atlas of the Tropeiros Route, from which this work unfolds. Therefore, this article is a section of Chofard's thesis (2023), focusing on question 55 of the Lexical Semantic Questionnaire and seeking designations for the calf, aiming to: (i) survey the recorded variants for the item along the tropeiros route; (ii) map the distribution of variants; (iii) identify designations that may belong to either the sul-rio-grandense or paulista linguistic variety; and (iii) ascertain how the propagation of these variants occurs in the analyzed territory. Among the recorded variants, two stood out: *bezerro*, as the [+SP] variant, and *terneiro*, [+RS], which showed to spread in opposite directions, with the paulista variant being the most widespread in the investigated area.

**Keywords:** Linguistic Atlas of the Tropeiros Route. Propagation of variants. Southern region. Calf. Geolinguistics.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC, Brasil. Endereço eletrônico: [amandachofard@gmail.com](mailto:amandachofard@gmail.com).

## Introdução

Estudos dialetais brasileiros revelam a vasta variabilidade linguística e cultural existente no país, extrapolando a binariedade norte e sul. Atualmente, muito se tem investigado acerca das diferentes áreas linguísticas, as quais ora ratificam a clássica proposta de Nascentes (1953), que engloba os falares Norte e Sul e seus subfalares, ora apontam para a existência de diferentes áreas dentro de uma mesma região geográfica ou de um subfalar.

Nesse sentido, Koch (2000), Altenhofen (2002) e, mais recentemente, Romano (2015) evidenciaram a não homogeneidade do denominado subfalar sulista, tendo em vista a identificação de distintas áreas linguísticas que extrapolam os limites geopolíticos. Como exemplo, na Região Sul, observa-se que há variantes caracterizadas como pertencentes a uma variedade sul-rio-grandense que ficam restritas ao Rio Grande do Sul, assim como há outras que extrapolam o estado, mostrando-se presentes em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo e até mesmo no Mato Grosso do Sul.

Dentre os fatores que contribuem para essa heterogeneidade na região, pode-se citar, conforme Koch (2000), (i) a presença de açorianos, (ii) o contato do português com o espanhol na porção fronteira do extremo sul, principalmente, (iii) as áreas bilíngues favorecidas pelas vindas de imigrantes para o Brasil, e (iv) o contato entre gaúchos e paulistas nos fluxos migratórios durante o Tropeirismo. Frente ao último fator mencionado e a sua relevância para a compreensão dos falares na Região Sul, com o interesse de investigar a realidade linguística da rota dos tropeiros, Chofard (2023) constituiu um banco de dados fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais do português falado no percurso que vai de Cruz Alta, no Rio Grande Sul, a Sorocaba, em São Paulo, a fim de subsidiar a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT).

Tendo como hipótese central “que na Região Sul há diferentes áreas linguísticas, dentre elas uma que se caracteriza pelo contato intervareta das variedades paulista e rio-grandense” (Chofard, 2023, p. 21), a autora averiguou a partir de diferentes níveis linguísticos como se dá a propagação de variantes paulistas para o sul e de variantes sul-rio-grandenses para o norte da região, chegando à conclusão de que as propagações não são uniformes, mas acontecem em ambas as direções, corroborando a ideia de que podem ser explicadas pelo vaivém tropeiro.

Isso posto, o presente estudo, que faz uso de dados coletados para o ALRT e configura-se como um recorte da tese de doutorado de Chofard (2023), volta o olhar para a questão 55 do Questionário Semântico Lexical (QSL), a qual pertence ao campo semântico “Tipos de cavalos, asininos, muares e tropas” e busca as denominações para “o filhote da vaca”. Sendo assim, objetiva-se neste artigo: (i) proceder ao levantamento das variantes registradas para o item em questão ao longo da rota dos tropeiros; (ii) mapear a distribuição das variantes, com o auxílio do software SGVCLin; (iii) identificar designações que podem ser

consideradas como pertencentes a uma ou outra variedade linguística, sul-rio-grandense [+RS] e/ou paulista [+SP]; e (iii) averiguar como se dá a propagação dessas variantes no território analisado.

Feitas essas considerações, a próxima seção apresenta uma breve reflexão acerca da diversidade linguística e dos aspectos sócio-históricos que se mostram importantes para a composição dos falares na Região Sul. Depois, é descrita a metodologia utilizada neste estudo, englobando o *corpus* adotado, o perfil dos informantes, a rede de pontos e os passos e meios utilizados para a elaboração das cartas linguísticas. Na sequência, constam a descrição e a análise dos dados. E, por fim, são tecidas as considerações finais e apresentadas as referências utilizadas.

### **Diversidade linguística, aspectos sócio-históricos e sua importância para a composição dos falares na Região Sul**

Ao contrário do que ocorreu por muito tempo, de a diversidade linguística no Brasil ser ignorada, hoje, observa-se que a temática extrapola a academia e é contemplada em conversas que permeiam as diferentes esferas da sociedade. Entretanto, comumente, verifica-se, ainda, certa homogeneização dos falares, os quais, com base em algum traço fonético ou lexical, principalmente, são rotulados de modo bastante amplo, havendo, popularmente, o que se entende por um jeito de falar gaúcho, carioca ou baiano, por exemplo.

Diante desse cenário, cada vez mais estudos dialetológicos e geolinguísticos têm demonstrado que há mais diferenças do que semelhanças entre essas generalizações, além de evidenciarem que a delimitação de falares ou de áreas linguísticas não é uma tarefa fácil.

No Brasil, desde o início das pesquisas geolinguísticas, muitos autores buscam delinear áreas correspondentes a variedades regionais do português dentro do amplo território nacional. Dentre eles, torna-se impossível falar do estabelecimento de falares sem dar destaque a Antenor Nascentes que, em 1953, propôs a clássica divisão dialetal do Brasil em falares do Norte e falares do Sul, acrescidos de seis subfalares, sendo essa proposição constantemente retomada.

Tomando como base a Região Sul, englobada pelo falar sulista, observa-se diante de distintos trabalhos já realizados que não é possível pensar na existência de um único falar, uma vez que a heterogeneidade se sobrepõe a uniformidade (Görski, 2012). Desse modo, principalmente após a publicação do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), e mais recentemente com os dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), tem sido possível análises mais amplas recobrando os três estados sulistas e o delineamento de possíveis áreas linguísticas, as quais, conforme Romano e Aguilera (2014), podem ser explicadas como decorrentes do processo de ocupação e povoamento desse território.

Sob essa perspectiva, ressalta-se a grande influência de aspectos sócio-históricos na composição linguística do Sul. Nesse contexto, cabe destacar o contato entre paulistas e gaúchos em fluxos migratórios opostos e o papel da rota dos tropeiros (Koch, 2000), tendo em vista que todas as propostas de delimitação de áreas linguísticas sulistas (Koch, 2000; Altenhofen, 2002; Romano; Aguilera, 2014) assumem a existência de ao menos dois grandes falares na região e identificam áreas em comum, dentre elas a que corresponde a uma área central que, conforme Altenhofen (2002, p. 125), é representada “por um grupo de isoglossas que avançam, em forma de cunha, em direção sul, seguindo o corredor de Lages, por onde passavam as antigas rotas migratórias paulistas, no comércio do gado com o gaúcho rio-grandense”.

Feitas essas considerações, defende-se que os fatores históricos decorrentes do processo de ocupação e povoamento da região são cruciais para uma descrição mais precisa dos falares sulistas. Assim, reitera-se a importância dos tropeiros para a composição desses falares, uma vez que eles podem ser encarados como responsáveis pela existência do contato intervareial das variedades sul-rio-grandense e paulista, cujos traços de fala são identificados como herdados do vaivém das tropas durante os séculos XVIII e XIX e propagados até os dias de hoje.

### **Metodologia**

Em relação aos aspectos metodológicos, neste estudo, adotou-se os princípios da Geolinguística. Dessa forma, os dados foram coletados *in loco*, os informantes, visando à pluridimensionalidade, foram estratificados em sexo, idade e área habitacional correlacionada à escolaridade, assim como foram elaboradas cartas linguísticas para a apresentação dos resultados.

Uma vez que se trata de dados para o ALRT, o *corpus* compreende 12 pontos de inquérito, a saber: Cruz Alta, Vacaria e Passo Fundo, no Rio Grande do Sul; Lages, Curitiba e Mafra, em Santa Catarina; Lapa, Palmeira e Castro, no Paraná; e Itararé, Itapetininga e Sorocaba, em São Paulo. Salienta-se que todos os inquéritos foram gravados e, posteriormente, transcritos, o que favoreceu o processo de levantamento das respostas, sendo necessário recorrer aos áudios apenas em casos pontuais.

No que tange aos informantes, predeterminou-se oito por localidade, totalizando 96, os quais seguiram a estratificação apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos informantes

Nº	Sexo	Faixa etária	Área habitacional	Escolaridade
1	Masculino	Faixa I (18-30 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
2	Feminino	Faixa I (18-30 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
3	Masculino	Faixa II (50-65 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
4	Feminino	Faixa II (50-65 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
5	Masculino	Faixa I (18-30 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
6	Feminino	Faixa I (18-30 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
7	Masculino	Faixa II (50-65 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
8	Feminino	Faixa II (50-65 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação

Fonte: Adaptado de Chofard (2023).

Para apresentar os resultados referentes às respostas obtidas para a questão QSL 55 (bezerro): “o filhote da vaca?” e mapear a distribuição das variantes, primeiramente, procedeu-se ao levantamento das respostas, as quais foram tabuladas em planilha no Microsoft Office Excel e, depois, com auxílio do software SGVCLin – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (Seabra; Romano; Oliveira, 2014), foram gerados as cartas linguísticas e os relatórios de produtividade.

### Descrição e análise dos dados

A partir da coleta de dados realizada, dentre diversos outros itens, buscou-se registrar as designações utilizadas para nomear o filhote da vaca. No contexto geral das respostas, foram obtidas dez variantes, sendo necessário agrupá-las conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Variantes registradas para a questão 55 (bezerro) e seus agrupamentos

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
bezerro	bezerro/ bezerrinho
terneiro	terneiro/ terneirinho(a)
novilha	novilha/ novia/ lovilha
garrote	Garrote
boizinho	Boizinho

Fonte: Chofard (2023, p. 150).

Para esse agrupamento, salienta-se que foram considerados alguns critérios, tais como: (i) formas no diminutivo: bezerro > bezerrinho e terneiro > terneirinho; (ii) formas no feminino: terneirinho > terneirinha; e (iii) formas caracterizadas como variantes

morfofonêmicas: novilha > novia, lovilha, totalizando cinco rótulos para representação cartográfica.

Voltando o olhar para a produtividade, junto aos 96 informantes inquiridos, foram documentadas 165 respostas, número esse que se deve ao fato de um mesmo informante poder dar mais de uma resposta para o mesmo item e todas terem sido contabilizadas. A seguir, na Tabela 1, são apresentados os resultados em números percentuais e absolutos.

Tabela 1 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 55 (bezerro)

<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
bezerro	78	47,27%
terneiro	77	46,67%
novilha	6	3,64%
garrote	3	1,82%
bozinho	1	0,61%
	<b>165</b>	

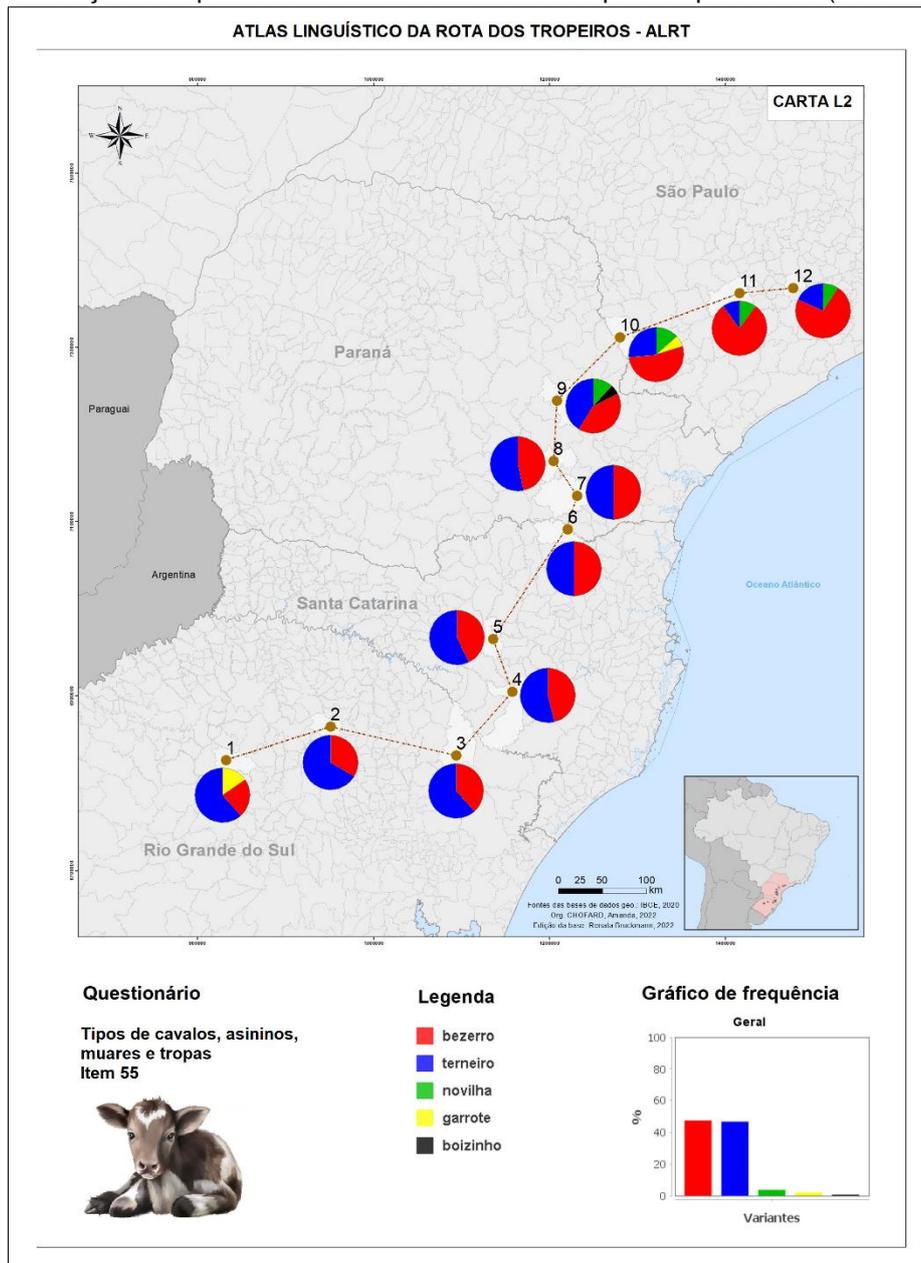
Fonte: Chofard (2023, p. 151).

Frente ao montante das 165 respostas coletadas, vale mencionar que a distribuição não se deu de igual modo entre os estados englobados na rede de pontos. Nesse sentido, do total, 52 foram obtidas no Rio Grande do Sul, 29 em Santa Catarina, 48 no Paraná e 36 em São Paulo. Além disso, destaca-se que o item em questão se mostrou amplamente conhecido entre os informantes, uma vez que todos eles deram ao menos uma resposta quando indagados.

Analisando a tabela de produtividade geral das variantes, verifica-se que *bezerro* e *terneiro*, com números bastante semelhantes, são as formas mais produtivas, perfazendo 78 (47,27%) e 77 (46,67%) respostas, respectivamente. Já as demais designações documentadas apresentaram pouca produtividade perante as variantes mais frequentes, sendo assim, tem-se *novilha* com seis respostas e 3,64%, *garrote* com três registros e 1,82% e, com ocorrência única, *bozinho* com percentual de 0,61%, cuja obtenção se deu no inquérito 4 de Castro-PR.

A fim de averiguar a distribuição diatópica das variantes, foi elaborada a carta linguística apresentada na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição diatópica das variantes documentadas para a questão 55 (bezerro)



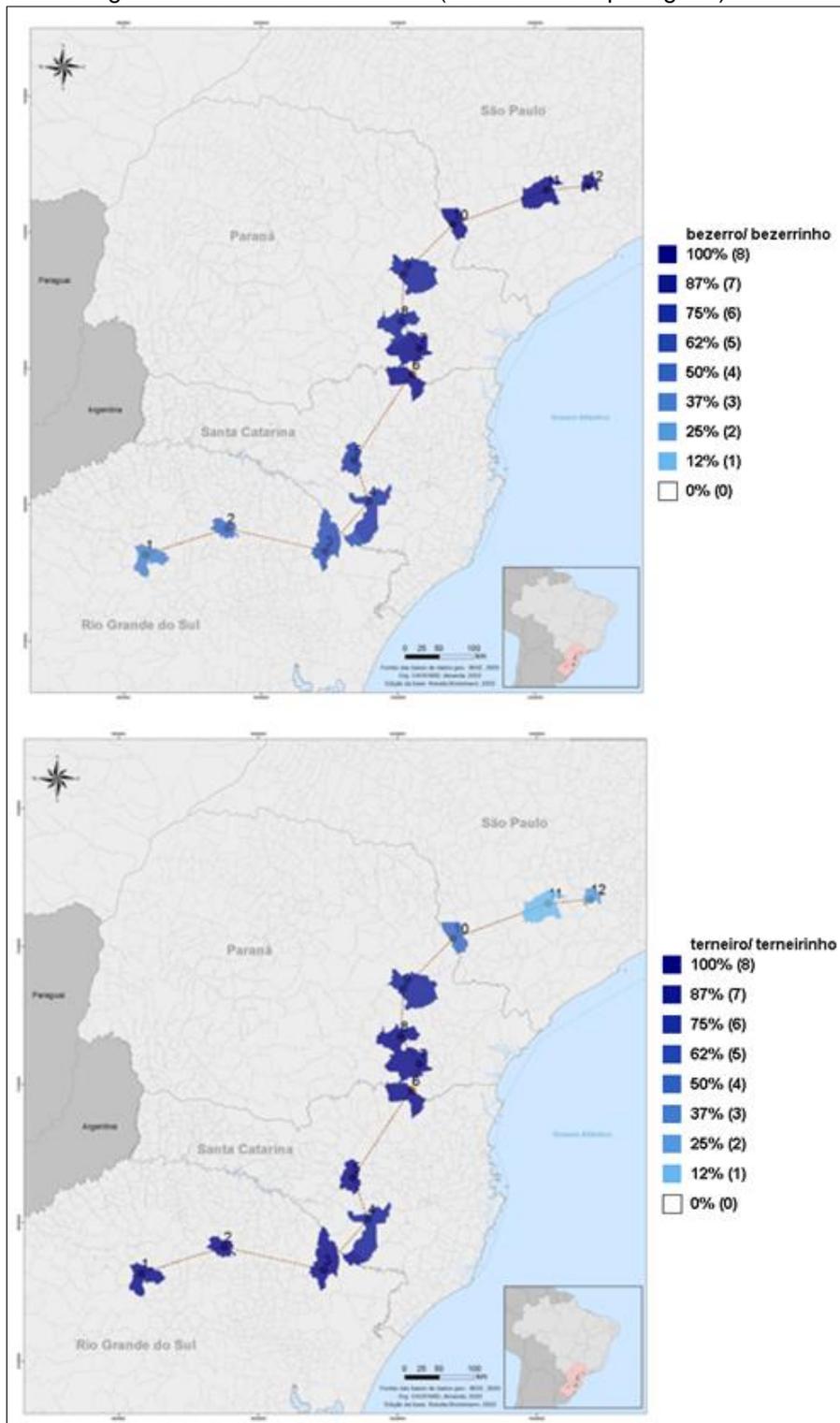
Fonte: Chofard (2023, p. 152).

A partir dessa carta, observa-se que as variantes mais produtivas, *bezerro* e *terneiro*, encontram-se em todos os pontos de inquérito, porém não com as mesmas produtividades. Por outro lado, as demais formas se restringem a algumas localidades, dessa forma, verifica-se que *novilha* foi registrada na fala de dois informantes de Castro-PR (ponto 09), dois de Itararé-SP (ponto 10), um de Itapetininga-SP (ponto 11) e um de Sorocaba-SP (ponto 12). *Garrote*, por sua vez, foi documentada em Cruz Alta-RS (ponto 01) e em Itararé-SP (ponto 10) como segundas respostas, sendo mencionada como uma forma de denominar o filhote já um pouco maior. E, *boizinho*, com apenas uma realização, foi coletada no ponto 09, em Castro, no Paraná.

Feita essa descrição, para a questão 55, constata-se que duas são as variantes que se destacam, *bezerro* e *terneiro*, as mais produtivas. Buscando melhor compreender os usos de cada uma delas e suas possíveis acepções, recorreu-se a obras lexicográficas, assim, *bezerro* foi registrada por Aulete (2022) como “a cria masculina da vaca, até um ano de idade”; já *terneiro*, lexia proveniente do espanhol, foi considerada pelo referido autor como um regionalismo do Rio Grande do Sul, sendo o mesmo que *bezerro* e *novilho*, acepção essa corroborada por Nunes e Nunes (2003, p. 486) que, no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, também a definem como “a cria da vaca até a idade de um ano. *Bezerro*, *novilho*”.

Nesse contexto, é possível considerar que as acepções apresentadas apontam para o pertencimento de *terneiro* à variedade sul-rio-grandense [+RS], possibilitando, em contrapartida, a inferência de que *bezerro* pode ser encarada como uma variante proveniente da variedade paulista, ou, ainda [+SP]. Frente a esse cenário, cabe averiguar como cada uma dessas formas se dissemina pelo território investigado à luz da existência de dois possíveis fluxos de falares que se irradiam em sentidos opostos, para tanto, foram elaboradas cartas de arealidade gradual que possibilitam verificar a intensidade de cada variante no espaço, as quais podem ser visualizadas por meio da Figura 2.

Figura 2 – Arealidade gradual de bezerro e terneiro (QSL 55 – cômputo geral)

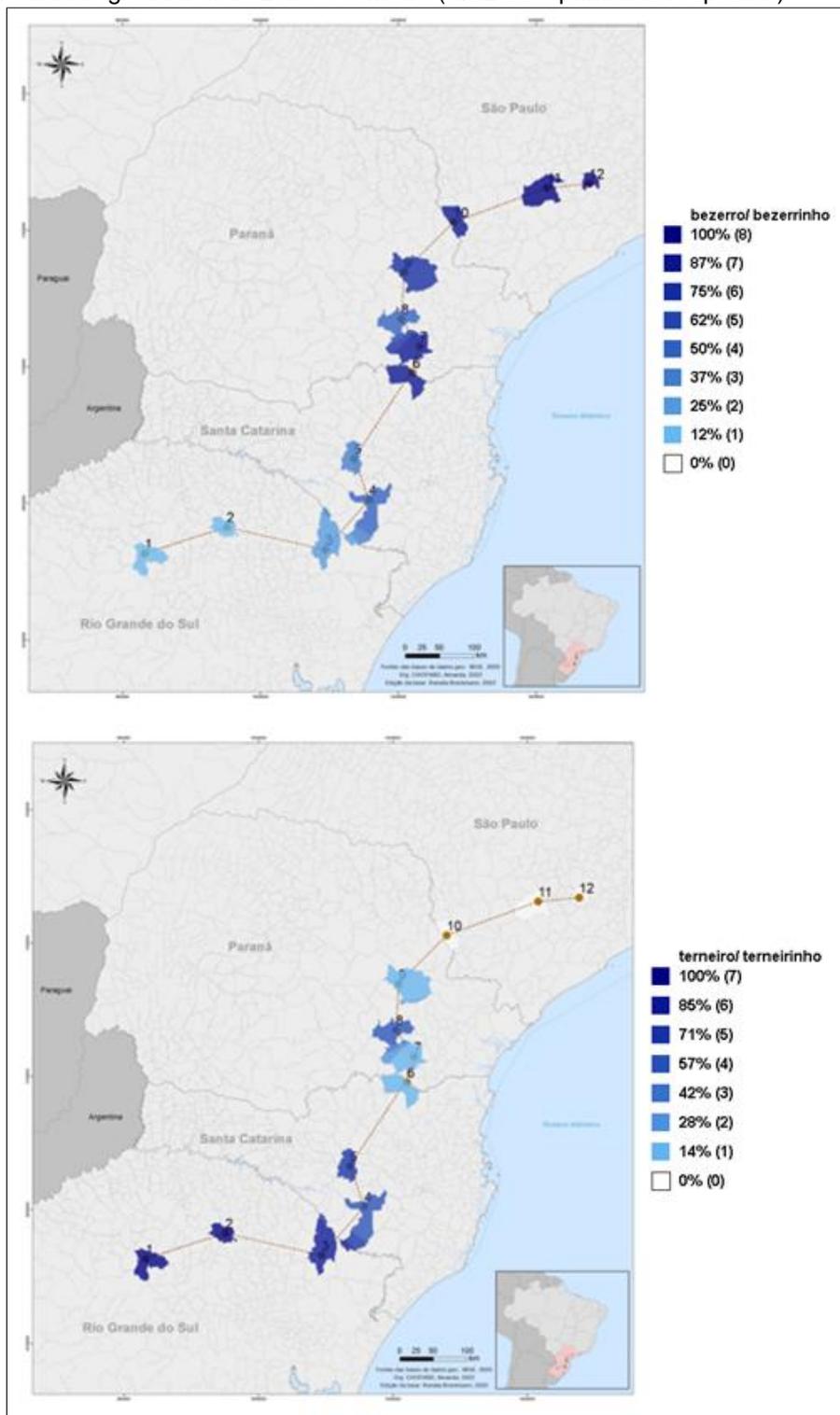


Fonte: Chofard (2023, p. 157).

Analisando as cartas expostas, nota-se alta intensidade de ambas as variantes em grande parte da rede de pontos. Todavia, é possível observar um gradual enfraquecimento de *bezerro* no Rio Grande do Sul do mesmo modo que de *terneiro* em São Paulo, o que vai ao encontro da inferência feita anteriormente e torna possível, a partir desses dados, a

classificação de *bezerro* como uma variante [+SP] e *terneiro* como uma variante [+RS] que, ao se propagarem, gradualmente, perdem vitalidade, ficando ainda mais evidente quando o olhar se volta apenas para as primeiras respostas de cada um dos informantes, como demonstram as cartas trazidas na Figura 3.

Figura 3 – Arealidade gradual de *bezerro* e *terneiro* (QSL 55 – primeiras respostas)



Fonte: Chofard (2023, p. 159).

Perante as cartas baseadas apenas nas primeiras respostas, constata-se que a variante *bezerro* possui maior propagação ao longo da rota dos tropeiros, essa que se dá em sentido Sul, uma vez que, embora com certo enfraquecimento, alcança todo o território, sendo dada como resposta por ao menos um informante de cada ponto de inquérito. Em contrapartida, *terneiro* possui menor disseminação, em sentido Norte, sendo pouco utilizada como primeira resposta pelos paranaenses e não registrada na fala dos paulistas logo no primeiro momento.

A esse respeito, cabe mencionar que, no tocante às primeiras respostas, *bezerro* foi documentada quase o dobro de vezes (58 primeiras respostas - 60,42%) do que *terneiro* (36 primeiras respostas - 37,5%), o que pode estar atrelado ao fato de *bezerro*, ao contrário de *terneiro*, não ser uma lexia considerada enquanto regionalismo e, por isso, ser a forma mais utilizada na mídia e nos ambientes escolares, uma vez que, conforme Nunes e Costa (2017), principalmente na mídia escrita, regionalismos são evitados, ficando esses, quando utilizados, restritos a mídias de circulação e abrangência local. Nesse sentido, observa-se que programas televisivos tradicionais como, por exemplo, o Globo Rural<sup>2</sup> optam em suas matérias pelo uso majoritário da designação *bezerro*, assim como a Embrapa<sup>3</sup> a traz, em seu glossário de termos para gado de corte, como o termo referência<sup>4</sup>, corroborando para o maior uso em diferentes ambientes, incluindo as grandes feiras agropecuárias, como relataram os informantes 5 e 8 de Passo Fundo-RS.

INF.- Bezerro.

INQ.- Tem outro nome para isso?

INF.- Olha, eu me criei por bezerro, conheço por bezerro.

INQ.- E o terneiro?

INF.- É difícil das vezes, mais pra quem é da colônia sim, quem lida não diz o bezerro quase, ele usa o... né, o ternero: "vai buscá o ternero, vai tocá o ternero", mais a gente aqui mais agora, hoje, tu vê mais o bezerro.

INQ.- Aham, mas os dois nomes é para mesma coisa?

INF.- Os dois nome, a mesma coisa, hoje que nem tem a Expointer lá, se tu chegá lá eles não vão dizê o ternero.

INQ.- Aham.

INF.- Eles vão dizê o bezerro da vaca, ou o bezerro disso, né (02-8 – Passo Fundo/RS).

INF.- Ternero. Esse é bezerro, né?

INQ.- Não... Chama dos dois?

---

<sup>2</sup> Informação constatada ao inserir as lexias *bezerro* e *terneiro* no buscador do site do programa (<https://globorural.globo.com/>) e ter tido retorno apenas para *bezerro*, termo esse que buscou uma série de matérias envolvendo o animal em questão.

<sup>3</sup> Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária vinculada ao Ministério da Agricultura e Pecuária.

<sup>4</sup> Ternero aparece de modo secundário como uma possibilidade de sinônimo.

INF.- Na faculdade eles cobrava. Hã?

INQ.- Chama...?

INF.- É ternero, pra nós é ternero, é muita... Muita influência do... do...  
Sabe, aqui no Rio Grande do Sul é ternero.

INQ.- Uhum.

INF.- Aí Santa Catarina é ternero tamém, aí cê vai pô Paraná, ali tinha uns colega meu ali de Laranjeiras, Nova Laranjeiras ali, Pato Branco, Quedas do Iguaçu, hã ((inint.)), essa região ali já era tudo bizerro, bizerro, ô bizerro, falava bizerro.

AUX.- Mas na faculdade eles cobravam bezerro ou não?

INF.- Não, ternero, bizerro... (02-5 – Passo Fundo/RS).

Os dados analisados, portanto, evidenciam a existência do contato intervareial entre as variedades sul-rio-grandense e paulista, principalmente no que diz respeito às designações mais produtivas, o que pode ser encarado como uma herança das idas e vindas tropeiras em séculos passados.

Sob essa perspectiva, salienta-se que, a princípio, o Tropeirismo caracterizava-se como uma atividade itinerante baseada na compra e venda de gado muar e vacum, assim, homens e tropas se deslocavam do Rio Grande do Sul até São Paulo, mais precisamente até Sorocaba, onde aconteciam as grandes feiras para o comércio de animais que, de modo geral, eram destinados para o trabalho no transporte de minérios nas Minas Gerais. Entretanto, com o passar do tempo, o tropeiro também passou a desempenhar outros papéis e, dessa forma, “além de agente por excelência do comércio, o tropeiro tornou-se indispensável em outras atividades. Era o emissário oficial, o correio, o transmissor de notícias, o intermediário de negócios, o portador de bilhetes, recados, encomendas e receitas” (Job, 1984, p. 14), corroborando, hoje, para a existência de uma cultura tropeira, “a qual pode ser revelada por meio da língua, tendo em vista que estes homens foram deixando suas marcas culturais e linguísticas por todo o trajeto percorrido ao longo de cerca de 200 anos” (Chofard, 2023, p. 19).

Além disso, observa-se que as variantes em questão demonstraram se propagar com diferentes intensidades e em sentidos opostos, sendo, hoje, *bezerro* a mais disseminada. Assim, revelou-se, em relação ao item aqui investigado, que a variante [+SP] possui maior vivacidade entre os falantes da variedade sul-rio-grandense do que a variante [+RS] entre os paulistas.

### Considerações finais

A partir do que foi discutido no decorrer deste estudo, pode-se concluir que há diferentes denominações para “o filhote da vaca”, dentre as quais as mais comuns e com maior produtividade são *bezerro* e *terneiro*. Ademais, ressalta-se que o item em questão é amplamente conhecido entre os informantes, tanto os rurais quanto os urbanos, tendo em

vista a ausência de não respostas, dando luz à relação entre os inquiridos e a cultura tropeira existente até os dias de hoje.

Nesse contexto, os dados mostraram, em consonância ao já apresentado por Chofard (2023), que no território em análise há o contato intervareial das variedades sul-rio-grandense e paulista, tornando-se possível identificar variantes pertencentes a cada uma delas, como é o caso de *bezerro* e *terneiro*, variantes essas que podem ser caracterizadas como [+SP] e [+RS], respectivamente.

Destaca-se ainda que as propagações das variantes em direções opostas, do Sul para o Norte e vice-versa, corroboram a ideia de que a língua viajou com os tropeiros em suas idas e vindas pela região, mantendo-se em contato hodiernamente.

Isso posto, frente ao item aqui abordado, principalmente se observadas as primeiras respostas, fica evidente que a variedade paulista, representada por *bezerro*, e a variedade sul-rio-grandense, representada por *terneiro*, se proliferam de modo oposto, sendo a primeira a que consegue maior propagação na área investigada, o que, hoje, conforme o relato de alguns informantes pode se dar por influência da nomenclatura adotada pela mídia e pelas grandes feiras agropecuárias.

Por fim, destaca-se que este artigo se soma a tantos outros que ratificam a ideia de não homogeneidade do falar sulista, atrelada a diferentes aspectos, dentre eles a fenômenos histórico-econômicos que perpassaram a história do Brasil, que é o caso do Tropeirismo. Além disso, espera-se que este estudo possa contribuir para novas pesquisas sob essa mesma perspectiva, no intuito de que sejam aprofundados os conhecimentos acerca do modo como se dão as propagações e os contatos entre duas das variedades faladas na Região Sul.

## Referências

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, P. (org.). **Varição e mudança no português falado na Região Sul**. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

AULETE, C. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, vs on-line. Lexicon. 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CHOFARD, A. **Contatos intervareiais das variedades sul-rio-grandense e paulista nos dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros**. 2023. 304 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

EMBRAPA. **Glossário – Gado de Corte**. [202-?]. Disponível em: <https://bit.ly/3PiK8H0>. Acesso em: 15 jul. 2024.

GLOBO RURAL. Buscar. 2024. Disponível em: <https://globorural.globo.com/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

GÖRSKI, E. Fenômenos variáveis na região sul do Brasil: aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado nas três capitais. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 806-817, 2012. Disponível em: [http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012\\_v2\\_t32.red6.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v2_t32.red6.pdf). Acesso em: 21 abr. 2021.

JOB, V. R. Algumas considerações sobre o Ciclo do Ouro e o Tropeirismo. In: BONADIO, G. (org.). **O Tropeirismo e a Formação do Brasil**. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Fundação Ubaldino do Amaral; Skol/ Momesso/ Caracu, 1984.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GARTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (ed.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt: TFM, 2000. p. 55-69.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NUNES, Z. C.; NUNES, R. C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. 10 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 2003.

NUNES, C. M.; COSTA, A. C. A variação linguística na mídia digital: uma análise do jornal Folha de S. Paulo. **Leopoldianum**, v. 43, n. 121, p. 105-124, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/759>. Acesso em: 15 jul. 2024.

ROMANO, V. P.; AGUILERA, V. A. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 575-587, 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/460/342>. Acesso em: 3 mar. 2021.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. 2014. **[SGVCLin]** - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

## Sobre a autora

*Amanda Chofard*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5327-9450>

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Teologia e Ciências (FATEC). Desenvolve investigações vinculadas ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e ao *corpus* coletado *in loco* pela pesquisadora para a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT).

Recebido em fevereiro de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.